



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Da Esfera Cultural à Esfera Política: a representação da homossexualidade nas telenovelas e a busca por reconhecimento¹

Ângela Cristina S. Marques – UFMG

Resumo: O objetivo deste texto é formalizar e articular algumas idéias e conceitos que irão nortear minha dissertação de mestrado. Partimos da hipótese de que a representação e a visibilidade de grupos de sexualidade marginalizada nas telenovelas ‘A Próxima Vítima’ e ‘Torre de Babel’ podem nos auxiliar a perceber, num momento específico, a articulação de três importantes processos sociais: a) a reflexividade – acentuada pelos fluxos simbólicos da mídia - que permeia nosso auto-entendimento e nosso entendimento do outro; b) a interseção das questões identitárias com as questões de reconhecimento, uma vez que ambas prescindem da intersubjetividade para se realizarem, e c) a mobilização e o posicionamento dos atores sociais que expressam suas opiniões, buscando razões próprias, diante da tematização de assuntos capazes de instaurar esferas públicas de discussão.

Palavras-chave: telenovela, homossexualidade, reconhecimento

¹ Trabalho apresentado no NP14 – Núcleo de Pesquisa Ficção Seriada, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Quando questões polêmicas, como a homossexualidade, são abordadas por gêneros midiáticos específicos, como a telenovela, elas ganham uma dimensão de visibilidade capaz de instaurar um debate público que convoca indivíduos e grupos a se posicionarem diante de tais questões. Reflexivamente, esses indivíduos e grupos formulam idéias e posturas capazes de pôr em movimento discursos que, ao se encontrarem com a fala dos “outros”, conferem uma nova dinâmica às relações de sociabilidade e estimulam a reconfiguração das identidades individuais e coletivas.

As telenovelas que pretendemos analisar – *A Próxima Vítima* (Globo, 20h, 1995) e *Torre de Babel* (Globo, 20h, 1998-99), ambas de Sílvio de Abreu² – apresentam, respectivamente, um casal de gays (Sandrinho e Jefferson) e um casal de lésbicas (Leila e Rafaela)³. A visibilidade conferida a aspectos problemáticos de gênero não costuma agradar aos telespectadores. A não ser que tais personagens sejam devidamente caracterizadas dentro dos estereótipos por nós já conhecidos. No entanto, torna-se relevante ressaltarmos o fato de que não existe um único estereótipo da homossexualidade na mídia. Vários são os “tipos” e trejeitos usados para representar os homossexuais na teledramaturgia brasileira.⁴ Não buscamos defender que a representação do vínculo homossexual em *A Próxima Vítima* e em *Torre de Babel* reflete a mais adequada, ou mesmo a “pior” representação dessa temática na televisão. Contudo, pretendemos apontar, por meio da análise dessas representações, em que medida elas incitam e convocam um debate público, bem como auxiliam na orientação

² As telenovelas de Sílvio de Abreu caracterizam-se por enredos que lembram cenas e situações típicas dos filmes de chanchadas como, por exemplo, “Assim era Atlântida”, o qual realizou em parceria com Carlos Manga. Entre os temas polêmicos típicos de seus textos, destaca-se a temática da homossexualidade.

³ Como apontado por Antonio La Pastina, Sandrinho e Jefferson formaram o primeiro casal gay das telenovelas brasileiras. Contudo, os dois nunca trocaram carinhos ou beijos na tela. Um agravante para a relação dos dois é que Jefferson é negro e Sandrinho é branco. Também a afeição entre o casal Leila e Rafaela foi mais sugerida que mostrada. Contudo, já na primeira cena da novela elas são vistas dividindo a mesma cama de casal e tomando banho juntas. Para La Pastina, foi justamente a harmonia do relacionamento entre duas lindas e bem sucedidas mulheres um dos principais fatores que incomodou a audiência. (Cf. LA PASTINA. “The sexual other in Brazilian television: social and institutional constraints on representation”, no prelo).

⁴ La Pastina faz três observações a respeito da construção dos personagens homossexuais nas telenovelas brasileiras: a) a maioria dessas personagens são homens. As poucas lésbicas que aparecem na trama são censuradas ou mortas já no início da novela; b) a maioria desses personagens homossexuais masculinos são apresentados como “sensíveis” ou afeminados e c) a maioria deles é apresentado sem um interesse amoroso concreto, pois não há nenhum tipo de envolvimento físico ou emocional mais denso. (Cf. LA PASTINA. “The sexual other in Brazilian television: social and institutional constraints on representation”, no prelo).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

reflexiva dos projetos identitários dos grupos de sexualidade estigmatizada fazendo com que estes assumam uma posição diante do amplo leque de representações (consideradas como estereotipadas ou não) que aparecem no discurso ficcional da teledramaturgia. A fim de traçarmos um panorama das diferentes vozes que se articularam em torno da questão da homossexualidade mostrada por essas duas telenovelas, iremos também utilizar artigos da mídia impressa, como jornais e revistas. Pois não só os homossexuais foram mobilizados, mas outros setores da sociedade também demonstraram grande interesse pela questão.⁵

Através da apropriação reflexiva e de processos de ressignificação, os grupos acima referidos podem ter a chance de redimensionar as formas que norteiam sua representação e interpretação diante dos outros. Mesmo que não haja uma identificação imediata com a experiência mostrada na telenovela, a movimentação de repertórios incitada pela história mostrada na tela aponta para nossa dependência da aprovação alheia. Todos os argumentos, questões e expectativas que endereçamos aos outros nos auxiliam a compreender que nossas posições não são fixas e que nossas crenças podem se ver modificadas a partir do momento em que são postas à prova pelas indagações e críticas dos outros.

Nosso intuito é, portanto, evidenciar que as referidas telenovelas, ao abordarem assuntos polêmicos ligados à sexualidade, podem contribuir para enriquecer códigos morais e comunicacionais, a partir do momento em que exploram e reinventam formas de mostrar que os estilos de vida ‘anti-convencionais’ conseguem, ou não, obter reconhecimento por meio da tensão que caracteriza as relações intersubjetivas cotidianas.

Em suma, partimos da hipótese de que o mundo do outro que aparece na tela da TV confere visibilidade ao repertório da pluralidade de estilos de vida e identidades de modo a evidenciar processos de luta por reconhecimento. Da esfera cultural passamos à esfera política que é fruto das relações intersubjetivas cotidianas, ou seja, das tensões identitárias que marcam o processo de negociação simbólica pelo reconhecimento.

⁵ Em “A Próxima Vítima”, Sílvia de Abreu deixou que o casal gay assumisse sua homossexualidade apenas no final da trama. Essa estratégia evitou um pré-julgamento do casal de jovens estudantes de

O objeto do reconhecimento

Seria a diferença o objeto das lutas por reconhecimento? Autores como James Tully, Carolin Emcke e Patchen Markell revelam que pode tornar-se extremamente perigoso entender que grupos e indivíduos lutam somente para obterem o reconhecimento de sua diferença.⁶ Afinal, se as identidades são formadas parcialmente pelo esforço e criatividade individual de um lado, elas também oscilam e mudam em nossas relações com os outros nos vários contextos de nossa existência social. Dizer que o objeto de reconhecimento é a diferença, seria tomar por certo que as identidades são fixas, imutáveis e permanentes. E mais ainda, que estas identidades se mostram fechadas numa forma de comunitarismo que engessa suas normas, representações e códigos.

Patchen Markell busca nas considerações de Charles Taylor dois usos do termo ‘reconhecimento’ e os associa a duas visões correspondentes sobre a identidade a fim de compor as seguintes perspectivas:⁷

- 1) **Perspectiva Cognitiva:** aqui o reconhecimento é associado a um tipo especial de respeito, ou seja, o respeito pela identidade de uma pessoa ou grupo em sua particularidade. Os objetos de reconhecimento seriam as identidades autênticas de pessoas ou grupos, as quais já eram conhecidas mas que, por alguma razão, se achavam ausentes, invisíveis ou esquecidas. Tais identidades precederiam a dinâmica intersubjetiva do reconhecimento e do desrespeito. A perspectiva cognitiva seria o que Charles Taylor chamou de autenticidade:

We might speak of an individualized identity, one that is particular to me, and that I discover in myself. This notion arises along with an ideal, that of being true to myself and my own particular way of being. (...) Being true to myself means being true to my own originality, which is something only I can articulate and discover. In articulating it, I am also defining myself.⁸

Direito. O autor assume que queria que o assunto alertasse as famílias para o fato de que ter um filho homossexual em casa é algo que é possível de acontecer com qualquer um.

⁶ Devemos nos lembrar, como assinala Nancy Fraser, de que as lutas por reconhecimento freqüentemente se entrelaçam com lutas pela redistribuição tanto do poder político, quanto do poder econômico.

⁷ Cf. MARKELL. “The recognition of Politics: A Comment on Emcke and Tully”. In: *Constellations*, v.7, nº4, 2000, p.496.

⁸ TAYLOR. “The Politics of Recognition”, p. 28 e 31.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

2) **Perspectiva Construtiva:** O reconhecimento é usado não para se referir ao conhecimento de uma identidade já existente, mas ao ato construtivo através do qual o objeto de reconhecimento é formado e trazido à existência (publicizado). Markell afirma que, nesta perspectiva, as identidades não são fenômenos pré-políticos, que simplesmente podem ser conhecidos de forma correta ou incorreta, mas elas são os efeitos da dinâmica do reconhecimento que opera nas várias e múltiplas interações humanas.⁹ Taylor também atenta para este fato quando faz a seguinte afirmação:

Thus my discovering my own identity doesn't mean that I work it out in isolation, but that I negotiate it through dialogue, partly overt, partly internal, with others. That is why the development of an ideal of inwardly generated identity gives a new importance to recognition. My own identity crucially depends on my dialogical relation with others.¹⁰

Aparentemente essas duas perspectivas podem nos parecer opostas, mas Markell acredita que elas fazem parte da dialética inerente ao reconhecimento. A principal contribuição da perspectiva cognitiva, para Markell, é normativa. Ou seja, só podemos saber se o reconhecimento de um grupo ou indivíduo foi bem sucedido ou não, se as identidades forem independentes do jogo do reconhecimento ou do desrespeito. Em sua independência, elas se constituiriam em “marcos confiáveis dos quais nos servimos para julgar a adequação de atos ou estruturas particulares de reconhecimento.”¹¹ Contudo, é a perspectiva construtiva que nos revela a verdadeira importância do reconhecimento: “é precisamente porque as identidades são formadas intersubjetivamente que estamos vulneráveis às percepções e caracterizações dos outros.”¹²

Assim, como nos alerta James Tully¹³, o reconhecimento não é um fim a ser alcançado, mas um estado parcial e provisório de um processo contínuo que envolve uma atividade democrática e dialógica de negociação e cooperação (um agir juntos) na qual os indivíduos lutam para mudar regras vigentes e injustas de reconhecimento, ao mesmo tempo em que mudam a si mesmos.

⁹ Cf. MARKELL. “The recognition of Politics: A Comment on Emcke and Tully”. In: *Constellations*, v.7, n°4, 2000, p.296.

¹⁰ TAYLOR. “The Politics of Recognition”, p.34.

¹¹ Cf. MARKELL. “The recognition of Politics: A Comment on Emcke and Tully”. In: *Constellations*, v.7, n°4, 2000, p.502. (tradução minha)

¹² Cf. MARKELL. “The recognition of Politics: A Comment on Emcke and Tully”. In: *Constellations*, v.7, n°4, 2000, p.502. (tradução minha)

¹³ TULLY. “Struggles over Recognition and Distribution”. In: *Constellations*, v.7, n°4, 2000, p.477.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Em busca de um “status” positivo para os atores sociais

Da mesma forma que Tully, Nancy Fraser e Axel Honneth nos apresentam uma preocupação especial com um entendimento mais amplo das lutas por reconhecimento. Um entendimento que afaste a idéia de que o objeto de reconhecimento sejam identidades tidas como fixas, estáveis e homogêneas. De acordo com esses autores, uma luta por reconhecimento só se torna bem sucedida se os indivíduos e grupos se expressarem como agentes moralmente e legalmente responsáveis por suas próprias ações e decisões. Este ‘status positivo’ os capacitaria a participar em paridade das deliberações e discussões dialógicas. Mediante o compromisso de falar e também de ouvir, os pares em deliberação podem traçar suas posições de maneira reflexiva, isto é, podem mudar seus argumentos e perspectivas no curso do diálogo, tendo em vista as considerações alheias.

Nesse sentido, Nancy Fraser propõe uma concepção alternativa de reconhecimento: “the status model”.¹⁴ Para Fraser, o objeto do reconhecimento não é a identidade de um grupo ou indivíduo específicos mas, sim, o status atribuído a estes enquanto parceiros amplamente capazes de participar como pares na interação social. “The status model” seria uma concepção não-identitária do reconhecimento. No entanto, como vimos anteriormente, a autenticidade identificada por Taylor não pode ser descartada tão facilmente das lutas por reconhecimento. Preocupada com a igualdade de condições econômicas, políticas e simbólicas que permite que os atores sociais participem em paridade dos diálogos, Fraser afirma que:

...by establishing participatory parity as a normative standard, the status model submits claims for recognition to democratic processes of public justification. Thus, it avoids the authoritarian monologism of the politics of authenticity; and it valorizes transcultural interaction, as opposed to separatism and group enclaving.¹⁵

Mesmo resistindo à perspectiva da autenticidade, Fraser nos apresenta uma importante faceta do reconhecimento: o processo democrático de justificação pública. De acordo

¹⁴ Cf. FRASER. “Social Justice in the Knowledge Society: Redistribution, Recognition, and Participation.” Texto obtido no site <www.wissensgesellschaft.org>.

¹⁵ Cf. FRASER. “Social Justice in the Knowledge Society: Redistribution, Recognition, and Participation.” Texto obtido no site <www.wissensgesellschaft.org>.

com Tully, as identidades daqueles que buscam reconhecimento, bem como as identidades daqueles a quem as demandas se endereçam mudam durante o processo de negociações e implementação de alguma solução.¹⁶ Através do esclarecimento recíproco, os pares em deliberação tomam conhecimento de sua posição e da posição dos outros, conscientes de que são posições parciais e provisórias. Tal discussão pode envolver não só aqueles que lutam por uma forma mais adequada de justiça simbólica, mas também pode mobilizar vários e múltiplos setores sociais. O que importa é a qualidade dos argumentos em disputa.

Enfim, podemos afirmar que a identidade, a diferença e o reconhecimento são processos em constante progresso, sendo que os resultados desses processos devem ser tomados como provisórios, abertos a renegociações. As lutas por reconhecimento¹⁷ fazem com que os indivíduos se mobilizem e se articulem de modo a assumirem uma posição diante das questões morais tematizadas. Tal posicionamento do indivíduo num dado contexto situado sócio-historicamente abrange, além de formas (quase sempre injustas) de distribuição de poder econômico e cultural, a) suas habilidades de formular seu ponto de vista de forma inteligível; b) o conhecimento de que sua perspectiva da situação é parcial e está aberta a críticas e reformulações e c) sua capacidade de re-articular seu discurso se este for posto à prova pelos parceiros da interação, sendo capaz de providenciar razões que restaurem a validade de seus argumentos. Esta última capacidade que os indivíduos apresentam na interação intersubjetiva é apontada por Maeve Cooke como sendo o argumento de Habermas para aproximar os conceitos de autonomia e autenticidade:

Para Habermas, um sujeito desenvolve sua identidade específica através de sua habilidade em responder às questões alheias com razões que ele elabora para defender sua posição, ou desafiar os outros. Tais razões são próprias e intransferíveis, no sentido de que a própria pessoa deve trabalhá-las de acordo com suas próprias convicções e

¹⁶ Cf. TULLY. “Struggles over Recognition and Distribution”. In: *Constellations*, v.7, n°4, 2000, p.476.

¹⁷ Carolin Emcke defende que as lutas por reconhecimento “não se destinam a proteger minorias negadas, elas são também uma forma de discurso que altera o significado social de nossos valores morais e políticos. Lutas por reconhecimento são sobre nosso entendimento de justiça e injustiça, bem como o entendimento de quem somos. E quem somos não é definido por herança e por nossas práticas estabelecidas; quem somos se mostra na maneira como tratamos os outros, no respeito que temos por outras formas de vida culturais, na maneira com que lidamos com nossos preconceitos. Lutas por reconhecimento são um projeto aberto; elas não só mudam nossa relação com os outros, mas com normas e conosco mesmos.” (tradução minha). Cf. EMCKE. “Between Choice and Coercion: Identities, Injuries, and Different Forms of Recognition”. In: *Constellations*, v.7, n°4, 2000, p.494.

ninguém pode falar em seu lugar. Nesse sentido se fala em autonomia: como reconhecimento tanto de uma capacidade compartilhada, quanto de uma especificidade. (tradução minha)

Axel Honneth também defende uma concepção de reconhecimento dirigida à valorização do status moral de um indivíduo perante a sociedade. Para ele, as lutas por reconhecimento contêm um forte elemento moral, pois os sentimentos de indignação e ultraje, resultantes da negação de demandas de reconhecimento, levam as pessoas a questionar a legitimidade normativa dos arranjos sociais.¹⁸

Um aspecto de grande relevância na obra de Axel Honneth expressa-se com relação às três formas de reconhecimento por ele sistematizadas¹⁹, a saber: **auto-confiança, auto-respeito e auto-estima**.²⁰ Essas categorias se remetem a esferas distintas de inserção dos indivíduos em suas práticas relacionais. Honneth estabelece uma sistematização na qual identifica três objetos de reconhecimento: o indivíduo (relações afetivas), a pessoa (relações legais) e o sujeito (relações de solidariedade). Desta forma, o reconhecimento é entendido como modo de relação positiva com o self, a qual conduz os indivíduos à sua plena auto-realização. Sendo que as categorias de reconhecimento propostas por Honneth devem ser entendidas como níveis diferenciados em que os indivíduos adquirem um certo status de agentes responsáveis, com opiniões válidas e passíveis de vir a contribuir para o encaminhamento e resolução de projetos comuns.

a) **Auto-confiança:** ligada ao apoio emocional que adquirimos através de relações de amor e amizade. Tais relações são identificadas desde o contato da mãe com o bebê. A auto-confiança está ligada à integridade física dos indivíduos, pois dela depende nossa capacidade de confiar nos outros e em nós mesmos. Deste modo, a dimensão da auto-confiança confere aos indivíduos a capacidade de expressarem seus desejos

¹⁸ Cf. HONNETH. *The Struggle for Recognition – the moral grammar of social conflicts*, p.12.

¹⁹ Tal sistematização feita por Honneth teve como base os estudos anteriormente realizados por Hegel.

²⁰ É importante dizer que, para cada uma das três formas de reconhecimento, Honneth estabelece uma respectiva forma de desrespeito: a) auto-confiança x abuso e violência física; b) auto-respeito x negação de direitos e c) auto-estima x insulto, injúria e degeneração. Honneth acredita que os sentimentos de indignação moral com os quais os seres humanos reagem ao insulto e ao desrespeito contêm o potencial para uma antecipação idealizada das condições de sucesso do reconhecimento. A força desse pilar prático de moralidade, segundo ele, se evidencia pelo fato de que as reações emocionais dos indivíduos não se dissociam da injustiça causada pelo desrespeito, mas, ao contrário, geram o potencial para mudanças de normas morais de conduta.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

e necessidades sem medo de se descobrirem desamparados ao verem os resultados de suas atitudes.

- b) Auto-respeito:** reivindicado na dimensão das relações legais (direitos). Para alcançar o auto-respeito, as pessoas devem ser tomadas como agentes moralmente responsáveis e autônomos. Só assim podem adquirir o status positivo necessário para sua plena e ativa participação nos processos de deliberação pública. Uma vez que tais processos envolvem a crítica, a negociação e eventuais mudanças nas normas sociais, eles podem influenciar a decisão das pessoas de como melhor viverem suas vidas. O objeto de respeito é, então, a capacidade que um ator social possui de expor e defender seus argumentos de maneira discursiva (capacidade autônoma de formular razões e respostas para a crítica alheia), ou seja, o status de responsabilidade moral do agente.
- c) Auto-estima:** forma de reconhecimento associada à comunidade de valor, a qual deve expressar solidariedade aos grupos ou indivíduos que se sentem ameaçados ou desrespeitados por possuírem um modo de viver diferenciado (e não aceito moralmente dentro dos códigos utilizados pela comunidade). Assim, enquanto o auto-respeito deseja dar o mesmo status a todos, a auto-estima envolve as características e habilidades que tornam uma pessoa única, especial e particular. No entanto, estima-se um sujeito não por suas habilidades e peculiaridades em si, mas sim ao uso que os sujeitos fazem delas a fim de cooperar para um projeto comum maior.

O conceito de solidariedade utilizado por Honneth nos deixa dúvidas a respeito de sua aplicação prática. Para ele, a solidariedade deve ser entendida como

... uma relação interativa em que os sujeitos simpatizam mutuamente com seus vários e diferentes estilos de vida, porque se estimam entre si de maneira simétrica. (...) Estimar-se mutuamente de maneira simétrica significa ver o outro à luz de valores que permitem que as habilidades e traços dos sujeitos apareçam como elementos significantes para práticas compartilhadas. O que não leva a uma tolerância passiva, mas sim considera as singularidades alheias como fatores importantes para tornarem possíveis os resultados de projetos conjuntos.

²¹(tradução minha)

²¹ HONNETH. *The Struggle for Recognition*, p.129.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Observa-se, então, que os elementos oriundos das vivências intersubjetivas devem estar sempre conectados ao processo humano de socialização. Se no foro íntimo o indivíduo adquire auto-confiança, é no meio público que sua auto-estima e seu auto-respeito serão testados por conflitos agonísticos diversos. Honneth acredita que sem passar por estas três formas de relação com o *self*, o projeto identitário dos indivíduos não se concretiza. Assim, a auto-realização dos sujeitos deve acontecer mediante relações intersubjetivas de reconhecimento mútuo. Para melhor esclarecer as considerações de Honneth, apresentamos o seguinte quadro:

Reconhecimento			
Modo de reconhecimento	1) Apoio emocional	2) Respeito cognitivo	3) Estima pública
a) dimensão da personalidade	Emoções e necessidades concretas (intuição)	Responsabilidade moral (conceitual)	Traços, qualidades e habilidades (intuição intelectual)
b) formas de reconhecimento	Relações primárias: amor, amizade, família	Relações jurídicas: direitos (sociedade civil)	Comunidade de valores: solidariedade (Estado)
c) relação prática com o <i>self</i>	Auto-confiança básica	Auto-respeito	Auto-estima
d) objeto de reconhecimento	Indivíduo (necessidades concretas)	Pessoa (autonomia formal)	Sujeito (particularidade individual)
e) relação com a cidadania	—	Direito	Integração

Aproximações entre telenovela e reconhecimento

A delimitação da temática da homossexualidade nas telenovelas parte, primeiramente, da relação que pretendemos estabelecer entre os seguintes conceitos-chave: telenovela, visibilidade, identidade, reflexividade e reconhecimento. Sabemos que os indivíduos, ao assistirem a uma telenovela, por exemplo, se apropriam do discurso ficcional de maneira singular, isto é, redimensionado as mensagens simbólicas de acordo com sua biografia particular, sua inserção histórico-cultural num contexto situado de existência e valores vindos da tradição. Tais recursos simbólicos, desse modo, podem constituir-se em oferta de orientação identitária e experimentação do *self*. De acordo com Thompson,

A crescente disponibilidade de experiência mediada cria assim novas oportunidades, novas opções, novas arenas para a experimentação do *self*. Um indivíduo que lê um

INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

romance ou assiste a uma novela não está simplesmente consumindo uma fantasia; ele está explorando possibilidades, imaginando alternativas, fazendo experiências com o projeto do self.²²

Quando disponibiliza experiências várias (na forma de histórias), a telenovela proporciona recursos para que os indivíduos implementem seus projetos identitários. Ao mesmo tempo, ela fornece pontos de referência para que esses mesmos indivíduos se posicionem em relação a si mesmos e frente aos outros. Tal consideração nos remete ao fato de que as identidades também podem ser interpretadas como narrativas, cuja articulação depende da habilidade que as pessoas têm de, reflexivamente, se apropriar de narrativas públicas, inserindo-as em sua própria narrativa biográfica. Segundo Margaret Somers e Glória Gibson:

As identidades são múltiplas, várias e adaptáveis aos contextos relacionais e redes de significado e ações nas quais os atores sociais se inserem. Eles fazem o cruzamento de narrativas, escolhem aquelas que mais se adequam a sua trajetória pessoal e coletiva para que o resultado lhes possibilite o acesso à melhor forma de ação.²³ (tradução minha)

Ao possibilitar visibilidade para grupos de sexualidade estigmatizada, programas de TV, como os *talk shows* e o programa *Fica Comigo* da MTV, oferecem um espaço para que grupos e indivíduos que são simbolicamente estigmatizados possam expor criativamente suas experiências singulares de vida. No caso das telenovelas, a experiência dos homossexuais é recriada pela fabulação dos autores. É claro que, muitas vezes, a superficialidade com que os temas são tratados impede que haja um maior grau de envolvimento dos indivíduos para que ultrapassem a fina película do entretenimento individualista. Contudo, podemos pensar nos recursos discursivos da mídia como elementos que cada vez mais participam de uma espécie de renovação da experiência cotidiana, na medida em que tomamos contato com o mundo mediado do “outro” e somos solicitados a rever nossas posições, julgamentos e entendimentos acerca do que se apresenta a nós como “diferente”, como “estranho”.

Uma de nossas premissas é a de que o mérito da telenovela, mais que proporcionar a produção de sentidos através da inserção de contextos ambíguos em nossa realidade de conflitos, está em proporcionar um espaço público de manifestações

²² THOMPSON. *A mídia e a modernidade*, p.202.

²³ SOMERS & GIBSON. “Reclaiming the epistemological other: narrative and the Social Constitution of Identity”, p.44.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

e visibilidade de grupos sociais que sofrem injustiças simbólicas. Nesse âmbito, a telenovela mostra que sua “habilidade” vai além do laço comunitário (o vibrar-em-comum de Maffesoli) até alcançar espaço nas lutas por reconhecimento empreendida pelos grupos e indivíduos que adotaram um estilo de vida que não é reconhecido pelos demais membros da comunidade. Assim, acreditamos que a telenovela, mais que atualizar significados compartilhados, reenvia os sujeitos aos preceitos éticos, à razão que alimenta as demandas por respeito e solidariedade. Pois, quando a telenovela confere visibilidade a grupos e indivíduos de sexualidade estigmatizada, ela está, acima de tudo, contribuindo para alargar os espaços de convivência, bem como para reelaborar os modos de ver e perceber esses grupos ou indivíduos em sua singularidade.

Acreditamos que a telenovela proporciona a chance de mostrar as gradações existentes no espectro dos estilos de vida, possibilitando que os valores morais que regem nossas relações intersubjetivas se modifiquem, lentamente, a fim de integrar aqueles indivíduos que lutam por seu reconhecimento. Como aponta Nancy Fraser, “os clamores por reconhecimento freqüentemente assumem a forma de chamar atenção para, senão criar afirmativamente, o lugar específico de um grupo e, então, afirmar seu valor.”²⁴

Se por um lado a mobilização dos grupos retratados nas telenovelas é rápida, por outro, a mudança de valores da sociedade é lenta e atada a estigmas de várias qualidades. Mas há, no entanto, uma importante contribuição da telenovela no sentido de fortalecer, redefinir e contribuir simbolicamente para o projeto identitário desses grupos. Na medida em que eles elegem o que não querem ser e como não querem aparecer para os outros, há um esforço em moldar reflexivamente a própria identidade. Pois, se de um lado os sujeitos se auto-formulam privadamente, de outro, sua identidade deve ser reconhecida publicamente.

Assim sendo, as telenovelas que inserem temas polêmicos, como o homossexualismo, em suas tramas, recuperam o cotidiano como espaço agonístico, no qual as relações intersubjetivas estão marcadas pela busca das recodificações de conceitos e termos ligados à sexualidade e, sobretudo, de ampliação do entendimento de

²⁴ FRASER apud PINTO. “A democracia desafiada, a presença de direitos multiculturais”, p.146.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

estilos de vida “diferentes”.²⁵ Quando a telenovela é apropriada pelas conversações rotineiras, seus códigos e símbolos são reavaliados, refinados e podem, sim, servir para demarcar o espaço de um grupo que deseja ser reconhecido pelos demais.

O que pretendemos evidenciar é que a busca por reconhecimento, travada no plano simbólico, não reivindica somente a incorporação de códigos novos, de padrões antes não existentes ou não tematizados. Isso porque, muitas vezes os grupos e indivíduos que lutam contra os estereótipos que os denigrem se servem dos mesmos para reivindicar seu reconhecimento, sua auto-estima. O processo intersubjetivo de comunicação e de formação das identidades é alimentado a todo instante por códigos que foram recriados e reabilitados por indivíduos que desejam ampliar e avançar a gramática gestual, estética, normativa e ética de sua sociedade. Nessa dimensão, a importância do cotidiano é latente, pois a ressignificação simbólica é um processo que se ancora nas relações práticas situadas histórica e culturalmente e no conhecimento cognitivo adquirido devido à peculiaridade de cada situação experimentada. É nesse sentido que pretendemos aproximar a telenovela do campo da política, ou seja, concebendo esta última não como processos institucionais, mas sim como processos cotidianos constituídos pela ação dos indivíduos que aceitam o desafio imposto pelo “outro”, pelo “estranho”.

A análise de *Torre de Babel* e *A Próxima Vítima* pode nos mostrar que, ao conferir visibilidade a grupos e indivíduos marginalizados e estigmatizados, a telenovela constrói representações da realidade, mas que não a esgotam. Ou seja, a realidade é muito mais complexa do que a pequena amostra simbólica oferecida pelo discurso ficcional. As representações de grupos e indivíduos que sofrem injustiça simbólica não são definitivas. Pelo contrário, elas devem ser negociadas, alteradas e reconstruídas de forma criativa, pois os sentidos são intersubjetivamente construídos. Somente quando alguém apresenta e negocia representações de sua identidade com outros indivíduos é que se pode alcançar a auto-realização. Como afirmamos anteriormente é difícil saber em que grau as telenovelas podem estar contribuindo para a

²⁵ “Em termos gerais, nomeadamente, é, por lado, a luta contra as codificações tradicionais normalizadoras (“homem”, “mulher”, “ato sexual”, “amor”, “desejo”) e, por outro, a reinvenção de uma gramática das formas de vida e de uma nova semântica dos comportamentos significantes (“homossexualidade”, “bissexualidade”, “sexo seguro”, etc), que dão a ver identidades emergentes ou



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

transformação de estereótipos, mas é correto pensarmos que a visibilidade proporcionada pelos vários gêneros midiáticos contribui para a “problematização social cotidiana das concepções convencionais”²⁶ acerca das representações da homossexualidade, por exemplo.

À guisa de conclusão

Acreditamos que a relevância da dissertação concentra-se no tipo de análise pretendida. Afinal, não é nosso intuito realizar um estudo de recepção, mas sim entender as relações entre telenovela e reconhecimento considerando o trajeto das personagens de sexualidade estigmatizada nos próprios capítulos das tramas e na mídia impressa. Tal estudo pretende mostrar que estilos de existência não aceitos pela sociedade (tais como os gays e as lésbicas, por exemplo) estão alcançando, cada vez mais, um espaço de visibilidade mediática. Este espaço permite que suas experiências pessoais sejam re-apresentadas (por meio da ação criativa dos autores, diretores e dos próprios atores) de uma forma não estereotipada (lembrando que não existe um único estereótipo do homossexual na mídia)²⁷, mas, sim, interessada em expressar identidades que reivindicam o reconhecimento não só de seu modo de existência, mas também de sua capacidade de contribuir para processos mais amplos de discussão. O reconhecimento do mundo do outro, da conduta e das qualidades de um outro que é “diferente”, “estranho” depende de um aprendizado lento, para o qual a mídia tem revelado um papel crucial, uma vez que contribui para o processo reflexivo de entendimento moral, estético e afetivo dos estilos de vida que não são reconhecidos pela sociedade. Importante dizer que consideramos que o papel da mídia não é o de ser a “professora” da sociedade, mas o de suscitar o debate na esfera íntima ou na esfera pública, dependendo da natureza das temáticas abordadas. Como afirma o autor de telenovelas, Sílvio de Abreu, “novela não muda ninguém, (...) mas ela é útil porque

identidades reconstruídas de forma mais autêntica, a partir de genuínos impulsos individuais.” (Cf. ESTEVES. “Nova Ordem dos Media e Identidades Sociais”, p.29).

²⁶ HAMBURGER. “Política e Novela”. In: *A TV aos 50*, p.40.

²⁷ A inserção de personagens homossexuais em gêneros da teledramaturgia como as telenovelas e as minisséries não é recente. Desde a década de 1970, personagens lésbicas, travestis, transexuais, gays, bichas, hermafroditas, entre outros, se tornaram visíveis através da TV e trouxeram reflexos para a dinâmica da vida social por meio da polêmica que causaram ao serem ‘vistos’.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

estimula discussões na sala de estar. O que quero é que as pessoas se lembrem de minhas novelas mais por esses temas do que pelos dramas.”²⁸ É a capacidade que certas telenovelas possuem de instaurar o debate público, de proporcionar a “reflexividade da experiência ou da condição do outro, a partir de sua apresentação em público”²⁹ que desperta nosso interesse em examinar parte desse processo.

Analisando a trajetória das personagens homossexuais – escolhidas nas telenovelas *Torre de Babel* e *A Próxima Vítima* – por meio das lentes do reconhecimento, partimos do pressuposto de que os comportamentos sexuais, culturais, éticos e morais, não permanecem estáticos, obedecendo às normas da tradição, mas são reformulados e adaptados de modo a se aproximarem das reivindicações daqueles que anseiam por reconhecimento. A imbricação entre as notícias impressas e as narrativas ficcionais das telenovelas analisadas apontam para a constatação de que a mídia ocupa uma importante posição no campo onde se articulam as várias esferas dialógicas do cotidiano. Ao disponibilizar dramas íntimos numa forma de linguagem (melodrama + acontecimentos “reais”) que os redimensiona numa narrativa que diz de uma coletividade, as telenovelas que abordam temáticas capazes de gerar polêmica, ganham também (assim como outros gêneros da mídia) o papel de pré-estruturação de esferas públicas.³⁰ Por meio da abordagem de temas que se endereçam a diferentes esferas de discussão (constituídas de indivíduos ou grupos de interesses comuns) essas telenovelas podem colocar em contato deliberações e discursos que antes se processavam isoladamente. Ao dar um rosto, uma história e uma inserção no cotidiano a identidades sexuais estigmatizadas, a telenovela afirma seu papel de narrativa capaz de refletir dramas privados que, ao ganharem visibilidade no espaço público se remetem não a um único indivíduo, mas a um coletivo que se posiciona em relação à experiência mediada do outro.

²⁸ Cf. Jornal *O Estado de S. Paulo* on-line, 24/05/98, <www.estado.estadão.com.br>

²⁹ AVRITZER. “Teoria Crítica e Teoria Democrática”, p.186.

³⁰ Esther Hamburger acredita que “talvez o fascínio e a repercussão pública das novelas estejam relacionadas a essas ousadias na abordagem dos dramas privados de todo dia; e o quanto a moral final corresponde a modelos convencionais ou liberalizantes com frequência tem a ver com uma negociação imaginária indireta e cheia de mediações que envolve autores, produtores, pesquisadores de mercado, instituições como a censura, a Igreja e o público.” (Cf. HAMBURGER. “Diluído fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano”, p.475).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVRITZER, Leonardo. “Teoria Crítica e Teoria Democrática – do diagnóstico da impossibilidade da democracia ao conceito de esfera pública”. In: *Novos Estudos Cebrap*, nº53, março 1999, pp.167-188.
- BARKER, Chris. “Television and the reflexive project of the self: soaps, teenage talk and hybrid identities.” In: *British Journal of Sociology*, 1997, 48 (4): 611-628.
- CALHOUN, Craig. “Social Theory and the Politics of Identity”. IN: _____ (ed). *Social Theory and the Politics of Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, pp.9-36.
- COOKE, Maeve. “Authenticity and Autonomy: Taylor, Habermas, and the Politics of Recognition”. In: *Political Theory*, v.25, nº2, abril 1997, pp.258-288.
- EMCKE, Carolin. “Between Choice and Coercion: Identities, Injuries, and Different Forms of Recognition”. In: *Constellations*, v.7, nº4, 2000, pp.483-495.
- ESTEVEVES, João Pissarra. “Nova ordem dos media e identidades sociais”. In: *Mídias e Processos Socioculturais*. UNISINOS, 2000, pp.11-42.
- FADUL, Anamaria (ed.). *Serial fiction in TV: the latin american telenovelas with an annotated bibliography of brazilian telenovelas*. São Paulo: USP, 1993.
- FERNANDES, Ismael. *Memória da Telenovela Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- FRASER, Nancy. “From Distribution to Recognition? Dilemmas of Justice in a ‘Postsocialist’ Age”. In: _____. *Justice Interruptus – critical reflections on the ‘postsocialist’ condition*. London: Routledge, 1997, pp.11-39.
- _____. “Social Justice in the Knowledge Society: Redistribution, Recognition, and Participation”. Beitrag zum Kongress “Gut zu Wissen”, Heinrich-Böll-Stiftung, 5/2001. <www.wissensgesellschaft.org>
- HAMBURGER, Esther. “Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano.” In: SCWARCS, Lilia Moritz (org.). *História da Vida Privada no Brasil, v.4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HONNETH, Axel. “Integrity and disrespect: principles of a conception of morality based on a theory of recognition.” In: WHIGHT, C.W. (org). *The fragmented world of social – essays in social and political philosophy*. N.York: State University of N.York Press, 1995, pp.247-260.
- _____. *The struggle for recognition: the moral grammar of social conflicts*. Cambridge: MIT Press, 1995.

- _____. “Recognition and Moral Obligation”. In: *Social Research*, v.64, nº1, spring 1997, pp.16-35.
- LA PASTINA, Antonio. “The Sexual Other in Brazilian Television: Social and Institutional Constraints on Representations”, no prelo.
- MAIA, Rousiley Celi Moreira. “Identity and Politics of Recognition in the Information Age”. In: KUVIKURU, U. (ed) *Contesting the Frontiers: media and dimensions of identity*. Sweden: Nordicom, 2000.
- MARKELL, Patchen. “The Recognition of Politics: A Comment on Emcke and Tully”. In: *Constellations*, v.7, nº4, 2000, pp.496-506.
- MATTELART, Armand e Michelle. *O Carnaval das Imagens: a ficção na TV*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____ et alli. *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de Televisão*. São Paulo: Moderna, 1998.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: Ed.34, 1999.
- SANTOS, Lidia. “A telenovela brasileira: do nacionalismo à exportação.” In: *Caravelle – Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Bresilien*, n.75, pp.137-150, Toulouse, 2000.
- SILVA, Josué Pereira. “Cidadania e Reconhecimento”. In: AVRITZER, Leonardo; DOMINGUES, José Maurício (orgs). *Teoria Social e modernidade no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, pp.123-135.
- SOMERS, Margaret & GIBSON, Gloria. “Reclaiming the epistemological other: narrative and the social constitution of identity”. In: CALHOUN, Craig (ed.) *Social Theory and the Politics of Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, pp.37-80.
- SOUZA, Jessé. “A dimensão política do reconhecimento social”. In: AVRITZER, Leonardo; DOMINGUES, José Maurício (orgs). *Teoria Social e modernidade no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, pp.159-206.
- TAYLOR, Charles. “The politics of recognition”. In: GUTMANN, Amy (ed). *Multiculturalism*. Princeton: Princeton University Press, 1994, pp.25-74.
- THOMPSON, John. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- TULLY, James. “Struggles over Recognition and Distribution”. In: *Constellations*, v.7, nº4, 2000, pp.469-482.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público – uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 1996.